

Álvaro de Campos

## **Estatelo-me ao comprido em toda a vida**

Estatelo-me ao comprido em toda a vida  
E urro em mim a minha ferocidade de viver...  
Não há gestos de prazer pelo mundo que valham  
A alegria estupenda de quem não tem outro modo de a exprimir  
Que rolar-se pelo chão entre ervas e malmequeres  
E misturar-se com terra até sujar o fato e o cabelo...  
Não há versos que possam dar isto...  
Arranquem um (...) de erva, trinquem-na e perceber-me-ão,  
Perceberão completamente o que eu incompletamente exprimo.  
Tenho a fúria de ser raiz  
A perseguir-me as sensações por dentro como uma seiva...  
Queria ter todos os sentidos, incluindo a inteligência,  
A imaginação e a inibição  
À flor da pele para me poder rolar pela terra rugosa  
Mais de dentro, sentindo mais rugosidade e irregularidades.  
Eu só estaria contente se o meu corpo fosse a minha alma...  
Assim todos os ventos, todos os sóis, e todas as chuvas  
Seriam sentidos por mim do único modo que eu queria...  
Não podendo acontecer-me isto, desespero, raivo,  
Tenho vontade de poder arrancar à dentada o meu fato  
E depois ter pesadas garras de leão para me despedaçar  
Até o sangue correr, correr, correr, correr...  
Sofro porque tudo isto é absurdo  
Como se me tivesse medo alguém,  
Com o meu sentimento agressivo para o destino, para Deus,  
Que nasce de encararmos com o Inefável  
E medirmos bem, de repente, a nossa fraqueza e pequenez.

s. d.

«Passagem das Horas». Álvaro de Campos — Livro de Versos . Fernando Pessoa. (Edição crítica. Introdução, transcrição, organização e notas de Teresa Rita Lopes.) Lisboa: Estampa, 1993: 26f.